

# HÁ CONFLITO ENTRE CIÊNCIA E TEÍSMO CRISTÃO? ALGUMAS NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A COSMOVISÃO RELIGIOSA E A PRÁTICA CIENTÍFICA

## IS THERE A CONFLICT BETWEEN SCIENCE AND CHRISTIAN THEISM? SOME NOTES ON THE RELATIONSHIP BETWEEN RELIGIOUS WORLD-VIEW AND SCIENTIFIC PRACTICE<sup>1</sup>

GABRIEL CHIAROTTI SARDI

Universidade de São Paulo, Brasil

[gabrielchi@hotmail.com](mailto:gabrielchi@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo busca oferecer uma resposta à questão sobre a existência de conflito entre ciência e religião, mais especificamente o teísmo cristão. Para tanto, apresento uma conceitualização da prática científica, seus métodos, objetivos e limites; seguida de uma reflexão sobre a natureza do teísmo cristão como forma de vida. Por fim, realizo uma análise pautada nas reconstruções teóricas de ambos os domínios e argumento que a tese do conflito é inexistente, embora relativa.

**Palavras-chave:** Ciência. Religião. Fé. Razão. Cristianismo. Filosofia da religião.

**Abstract:** This paper intends to offer an answer to the question about the existence of conflict between science and religion, more specifically Christian theism. To achieve this purpose, I present a conceptualization of scientific practice, its methods, objectives and limits; and a speculation on the nature of Christian theism as a way of life. In the end, I realize an analysis based on the theoretical reconstructions of both domains and I argue that the conflict thesis is non-existent, although relative.

**Keywords:** Science. Religion. Faith. Reason. Christianity. Philosophy of religion.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 05/07/2022 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 01/09/2022.

## 1. INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Não é incomum nos depararmos, inclusive com certa frequência, com supostos debates na mídia que tentam opor a ciência e a religião como fenômenos culturais e intelectuais completamente adversos. Esses programas ou textos jornalísticos geralmente tecem caricaturas de ambos os domínios: ora a ciência é retratada como um reduto de fervorosos ateus inimigos de todos os crentes, ora a religião é apresentada como um coletivo de ignorantes que vivem como se estivessem no início do milênio passado.

Embora realmente existam alguns personagens que façam jus a essa imagem, em maior ou menor grau, tais como o biólogo Richard Dawkins<sup>3</sup> e o criacionista Henry Morris<sup>4</sup>, há intelectuais que buscam examinar em que medida é possível realizar avaliações comparativas entre as dimensões religiosas e científicas e a plausibilidade dessas comparações, bem como estabelecer elos de ligação. Dentre tais autores uma posição que tem tomado certa força é de que o conflito, embora aparente, muitas vezes é parcial, superficial ou até mesmo inexistente, a depender da perspectiva adotada – sobretudo quando se trata do teísmo cristão (PLANTINGA, 2018; MCGRATH, 2020).

A questão, todavia, é que há relatos históricos em que a contraposição entre fé e razão tomou contornos de incompatibilidade, adversidade e, muitas vezes, até mesmo de agressividade. Episódios tais como os da condenação de Galileu Galilei no século XVII que, apesar de estudos mais recentes sustentarem a hipótese de que a Igreja Católica possuía uma certa motivação justificada e racional para sua postura (e avaliar essa motivação sob o prisma contemporâneo seria um tanto anacrônico) (FEYERABEND, 2011), ecoam no imaginário de senso comum como um retrato exclusivo da relação entre religião cristã e ciência moderna.

No presente artigo, buscarei apresentar o esboço de uma tese de conciliação entre ciência e religião cristã pautada nos conceitos de *explicação*, *escopo* e *domínio*. Em linhas gerais,

---

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista CAPES. O autor dedica este texto à memória do amigo pessoal Hermann Treier.

<sup>3</sup> Clinton Richard Dawkins é um célebre cientista britânico e ateu confesso que, além de se dedicar à etologia e biologia evolutiva, também busca combater a religião em alguns de seus escritos, via de regra, tratando-a como uma inimiga do desenvolvimento científico e racional. É autor de diversas obras, dentre elas: *Deus, um delírio* (2007) e *The God Delusion* (2006).

<sup>4</sup> O engenheiro e apologista cristão Henry Madison Morris foi um famoso criacionista e teórico da “Terra jovem”, que ousava afirmar que vários desenvolvimentos científicos modernos, tais como a biologia evolutiva, eram tentativas de combater Deus e a “verdadeira religião”. Também escreveu diversas obras, tais como: *The Long War against God* (2000) e *Scientific Creationism* (1985).

advogo que a ciência moderna, dado seu domínio de pesquisa, metodologia e finalidade explicativa não interfere em questões de ordem metafísica ou teológica; do mesmo modo, afirmo que a fé religiosa, desde que circunscrita aos domínios subjetivos das experiências moral, estética e espiritual do ser humano, não entra em conflito com a ciência ao passo que não visa explicar pela fé o funcionamento e a composição de estruturas do mundo material, mas sim tece reflexões a partir da compreensão de tais elementos.

Por outro lado, também defendo que podem existir conflitos indiretos entre ciência e teísmo cristão, sobretudo de duas formas: i) quando um dos lados extrapola seus limites explicativos e tece juízos sobre questões que estão além de seu alcance metodológico; e ii) quando a ciência e religião oferecem elementos que moldam visões mundo que podem, algumas vezes, serem incompatíveis. Em ambos os casos, conforme exposto adiante, o conflito não se dá pela natureza intrínseca da prática científica ou do cristianismo, mas sim através de aspectos secundários relativos.

Para tanto, na primeira seção, apresento uma conceitualização do empreendimento científico, seus métodos e propósitos. Na segunda seção, viso investigar as noções de religião e natureza da experiência religiosa, me atendo mais especificamente ao teísmo cristão, e como esses conceitos se relacionam com o mundo. Na terceira e última seção, intenciono avaliar em que medida a ciência e a religião são conflitantes ou não, na qualidade de fenômenos culturais e intelectuais e também como visões de mundo. Por fim, na conclusão, realizo um balanço do que foi explorado no artigo e indico um possível desdobramento.

## 2. A CIÊNCIA E SEUS LIMITES

Aquilo a que chamo de *ciência* ou *prática científica* se refere aqui especificamente a um fenômeno cultural humano com raízes no século XVI<sup>5</sup> que visa oferecer uma descrição

---

<sup>5</sup> Busco situar a origem da ciência moderna nesse século devido às revoluções científicas que estavam iniciando uma nova forma de produzir conhecimento em detrimento do que usualmente era comum na Antiguidade e Idade Média. Isso não significa, todavia, que não existiu ciência anteriormente, porém a forma como concebemos a ciência hoje, isto é, de forma muito mais *indutivista* e *empírica*, tem suas raízes metodológicas no século XVI e foi defendida e propagandeada por pensadores, dentre eles, o ilustre Francis Bacon, que colaboraram para o amadurecimento e adoção dessa nova concepção de conhecimento científico (LADYMAN, 2002, p. 18). Contudo, é importante ressaltar que há uma corrente de historiadores da ciência que situam o século XIX como mais importante para a visão de ciência como disciplina que temos hoje. Segundo tais estudiosos, antes desse século, as disciplinas científicas possuíam um caráter diverso do atual, sendo mais uma busca por uma “filosofia natural” ou “história natural” de forma ampla e geral do que uma sistematização de métodos e objetos de estudos bem específicos (tal como atualmente no século XXI) (HARRISON, 2007, p. 02).

*verdadeira, útil* ou ao menos *empiricamente adequada* da realidade e seus fenômenos naturais e sociais<sup>6</sup>.

A ciência moderna pode ser caracterizada como uma forma de interpretar e conhecer a realidade física. Porém, essa interpretação, diferentemente do que muitos pensam, não é simplesmente oriunda da mera observação da natureza, mas sim fruto de complexos, repetitivos e comunitários processos de experimentação e teorização. Essa forma de produção de conhecimento diverge em parte com o que fora explorado na Antiguidade dado o fato de recusar a tradição como detentora de autoridade absoluta, permitindo que concepções até então em voga fossem questionadas e revistas, desde que um exame empírico fosse executado e extraído dele suas consequências, buscando, em seguida, uma sistematização e ordenação dos resultados que permita a construção da teoria.

Esse é um processo circular, isto é, os cientistas podem partir dos experimentos para a teoria e vice-versa, num processo dialógico e sempre permanentemente conjunto. De um arcabouço de conhecimentos teóricos preliminares que determinam padrões de julgamento e implicam noções linguísticas (POINCARÉ, 1988, p. 116-117), o *conhecimento anterior*,<sup>7</sup> os cientistas partem para a observação de fenômenos, experimentação e análise de hipóteses, construindo a estrutura teórica. A experimentação pode corroborar uma estrutura teórica hipotética inicial ou, ainda, dar início ao surgimento de uma hipótese completamente nova no seio da comunidade científica (HACKING, 2012, p. 244 – 247).

Um das características mais marcantes do empreendimento científico, como indicado acima, se refere à capacidade de experimentação, isto é, de manipulação dos fenômenos para sua análise e interpretação. Diante desse elemento, temos dois pontos singulares que

<sup>6</sup> A distinção entre as categorias de *verdade, utilidade* ou *adequação empírica* dizem respeito ao debate em Filosofia da Ciência acerca da interpretação que devemos possuir diante das teorias científicas: o debate acerca do *realismo científico*. Um *realista científico* diria que nossas melhores teorias científicas descrevem de forma verdadeira (ou aproximadamente verdadeira) a realidade. Já um *antirrealista instrumentalista* crê que nossas teorias são instrumentos úteis para a previsão de fenômenos etc., mas que não versam sobre o conceito de verdade. Já um *empirista construtivo*, que também é um tipo de *antirrealista*, afirma que o propósito da ciência é oferecer estruturas (teorias) que se adequem aos fenômenos empíricos da realidade, descrevendo corretamente o que a natureza é em seus aspectos observáveis, mas se limitando a descrever possibilidades de como ela é no domínio do inobservável, mantendo, assim, um *agnosticismo epistêmico* quanto à valoração total das teorias científicas. Para maiores detalhes introdutórios sobre essa discussão, ver French (2009) ou Dutra (2017).

<sup>7</sup> “Em linhas gerais a ideia básica desta noção é a de que cientistas produzem suas hipóteses e teorias a partir do conhecimento disponível em seu campo de atuação: o conhecimento anterior. Do mesmo modo, quando da avaliação comunitária de uma hipótese, cientistas tendem a considerar a relação que essa hipótese estabelece com o conhecimento anterior consolidado. A ideia geral é a de que a confiabilidade de um conhecimento já consolidado é um guia para sabermos se estamos, quando da produção de uma novidade, diante de uma produção científica igualmente confiável. Assim, tal noção parece ser de fundamental importância para a compreensão de alguns aspectos da ciência” (SILVA e MINIKOSKI, 2017, p. 54-55).

caracterizam a ciência: i) a necessidade de tratar de fenômenos físicos, isto é, suscetíveis de intervenção empírica e representação teórica que dialogue com os fatos empíricos; e ii) a possibilidade de falibilismo teórico, isto é, não termos como assegurar que as teorias são explicações infalíveis, portanto, elas estão sempre passíveis de revisão constante sob o jugo da comunidade científica e seus métodos.

Posto isso e tendo claro que a ciência se limita a interpretar a realidade física com o escopo de oferecer representações pautadas numa metodologia complexa que envolve teorização e experimentação por parte de toda uma comunidade científica, temos que investigar, mesmo que brevemente, o produto final da metodologia científica: as explicações da ciência.

O debate acerca da natureza das explicações científicas tem ocupado espaço na Filosofia da Ciência há algumas décadas e gerado contundentes reflexões e discussões.<sup>8</sup> Vários intelectuais se propuseram a oferecer definições, muitas vezes divergentes, sobre as explicações da ciência; todavia, um ponto comum em diversos casos é o de que as explicações devem (independentemente de como são construídas, de acordo com cada filósofo) oferecer uma compreensão acerca das causas da ocorrência dos fenômenos.

Segundo o filósofo Peter Lipton e o seu modelo de *Inferência da Melhor Explicação*, as explicações são geradas e as hipóteses seletivamente construídas pelos cientistas com a finalidade de propiciar um maior entendimento do fenômeno em questão (suas causas e seu funcionamento). Ainda, de acordo com o autor, esses processos são guiados por *considerações explicativas*, que nada mais são do que qualidades e atributos que uma hipótese teórica pode possuir, tais como maior capacidade de testagem empírica, coerência com o conhecimento anterior estabelecido, simplicidade etc. As considerações explicativas fazem com que o processo investigativo da ciência culmine na melhor e mais plausível explicação possível que os dados do fenômeno podem fornecer até esse momento.

[...] nossas práticas inferenciais são governadas por considerações explicativas. Através de nossos dados e crenças anteriores, inferimos a hipótese que pode, se verdadeira, fornecer a melhor das explicações concorrentes que podemos gerar desses dados (desde que o melhor seja bom o suficiente para fazermos qualquer inferência) (LIPTON, 2004, p. 56).

Partindo dessa perspectiva, podemos definir, ao menos para nossos propósitos, a explicação científica como uma crença detentora de alta plausibilidade (porém falível)

<sup>8</sup> Para uma sólida introdução sobre esse debate, ver Castro (2020).

estabelecida entre as noções de entendimento e conhecimento que visa, em última instância, oferecer uma compreensão acerca das causas e da estrutura de fenômenos físicos.

De acordo com nossa sucinta análise do empreendimento científico, temos claros os *propósitos* da ciência, sua *metodologia* e *domínio*. Passemos adiante a refletir sobre a natureza do teísmo cristão e em que medida se confronta ou não com a prática científica e seus resultados.

### 3. EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, RELIGIÃO E CRISTIANISMO

Um ponto fundamentalmente importante para o seguimento de nossa discussão é a sutil distinção entre *experiência religiosa* e *religião*. Por experiência religiosa busco indicar um estado de espiritualidade (individual ou coletivo), isto é, uma experiência relacionada às questões fundamentais da existência, sejam elas de cunho divino, espiritual (em sentido transcendente), místico, moral ou estético, vinculada ou não à uma religião. Por religião designo um credo específico, com suas doutrinas e concepções de mundo peculiares que englobam, além de possíveis respostas e posturas às questões anteriormente citadas, também símbolos e práticas distintivas.

Uma experiência religiosa pode ocorrer a uma pessoa sendo ela praticante ou não de um credo religioso. É possível um indivíduo cultivar sua espiritualidade particular refletindo sobre questões de cunho existencial de forma independente (inclusive sem incluir o conceito de *Deus*, como é o caso de algumas correntes budistas), ou ainda se inspirando ou mesclando conceitos de uma ou várias religiões.

Uma religião, por outro lado, embora possa versar sobre as noções existenciais mais profundas do ser humano, pode ser mais bem compreendida como uma prática institucionalizada – em maior ou menor grau. Essa prática, via de regra, possui uma doutrina e visão de mundo comum que designa os membros daquela religião específica, ou seja, mesmo que haja várias correntes de pensamento distintas (e até conflitantes algumas vezes) em uma determinada religião, como é o caso do cristianismo e islamismo, por exemplo, todos possuem um ponto de comunhão que os distinguem dos não fiéis.

Essa distinção que proponho é relevante ao passo que, mesmo que o indivíduo não religioso (mas que possui sua espiritualidade religiosa particular), imerso em sua espiritualidade passe a adotar determinada visão de mundo, ela não é tão padronizada, sistemática e definida quanto a de um religioso específico.

Embora seja possível refletirmos sobre as possíveis relações existentes entre espiritualidade e ciência, esse não é o escopo do presente trabalho; tampouco o é a reflexão generalizada entre os choques que podem ocorrer entre diversas religiões e a prática científica. Meu intuito, nesse texto, é o de pensar se há conflito entre o núcleo duro do teísmo ou religião cristã e a os limites e propósitos da ciência. Portanto, a seguir, vamos relacionar brevemente os dogmas centrais da maioria das denominações cristãs,<sup>9</sup> a fim de compreender as bases de sua visão de mundo.

- i. Há um Deus onipotente, onipresente e onisciente criador do universo e de tudo que há nele;
- ii. Deus é uno e trino, isto é, Deus é a Santíssima Trindade composta por três pessoas distintas (Pai, Filho e Espírito Santo) que formam um só Deus;
- iii. Jesus Cristo é filho de Deus e uma das três pessoas da Santíssima Trindade. Ele veio ao mundo para redimir a humanidade expiando seus pecados através de seu sacrifício e ressurreição, oferecendo a salvação para a vida eterna e ensinamentos a respeito da vontade de Deus e o que é moral ou imoral para a vida terrena;
- iv. Existe o pecado e, conseqüentemente, noções absolutas e objetivas de *bem e mal*;
- v. A humanidade foi feita à imagem e semelhança de Deus, mas caiu em desgraça ao pecar;
- vi. As verdades divinas foram reveladas por Deus através dos tempos e está contida nos textos da Bíblia (que foram inspirados pelo Espírito Santo);
- vii. O sentido da vida humana é buscar a Deus e atingir a santidade, recuperando sua natureza perdida.

Notoriamente há diversos outros pontos teológicos importantes para o cristianismo, porém optei por listar os sete acima pois creio que sintetizam o núcleo fundamental da espiritualidade e visão de mundo cristã comum a variadas igrejas e correntes.

O que podemos observar é que todos os sete pontos dizem respeito a questões de ordem metafísica diversas e algumas vezes comum. Os pontos (i), (ii) e (iii) versam sobre a existência e

---

<sup>9</sup> A escolha dos pontos de fé fundamentais foi baseada na leitura dos seguintes documentos da tradição cristã (Católica, Ortodoxa e Reformada): *Novo Testamento*; *Catecismo da Igreja Católica*; *Confissão de Augsburg*; *Confissão de Westminster*; e, sobretudo, nos *Credo Apostólico* e *Credo Niceno-Constantinopolitano*, comuns à todas as principais denominações cristãs tradicionais.

natureza de Deus; os pontos (iii), (iv), (v) e (vii) falam sobre o sentido da vida humana e moralidade. O ponto (vi) diz respeito a fonte de fé.

Em suma, segundo os tópicos teológicos listados, podemos afirmar de forma objetiva que o cristianismo é uma perspectiva de cunho metafísico e monoteísta que afirma existir um sentido para a existência da vida e do universo, que podemos distinguir o que é certo e errado, desde que compreendamos os ensinamentos divinos e, não menos importante, que tais ensinamentos estão contidos nas Escrituras inspiradas pela divindade revelada e, portanto, devemos crer nelas.

Embora essa síntese seja útil e pontual para compreendermos a doutrina cristã, temos que ler esse fenômeno religioso (assim como outras diversas religiões) não somente como um compêndio de normas, mas sim como uma visão de mundo e realidade, uma forma de vida pautada nessa “lente” de valores para enxergar os fenômenos da vida.<sup>10</sup> O cristianismo, mais do que um conjunto de ideias acerca da natureza de Deus e sobre a redenção humana, é uma maneira de ser no mundo baseada não puramente em uma reflexão lógica e racional, mas na vivência de um mistério que, para os cristãos, é algo que transforma a vida humana.<sup>11</sup>

Essa relação de vivência se estabelece no próprio ato de viver os aspectos religiosos da doutrina no interior da comunidade cristã e não na simples compreensão abstrata das normas com a finalidade de satisfazer uma busca pessoal por uma verdade filosófica. Como afirma o teólogo Joseph Ratzinger:

A suposição de que a fé deveria nascer através da própria reflexão ou imaginação e mediante uma busca puramente pessoal da verdade, no fundo já é expressão de determinado ideal, de uma mentalidade intelectual que desconhece o aspecto peculiar da fé, que consiste na aceitação do que não é imaginável - aceitação responsável, sem dúvida - em que o objeto aceito jamais chega a tornar-se minha posse total, em que a dianteira nunca será vencida completamente, em que, no entanto, a meta deve ser: apoderar-se sempre mais do que foi recebido, através da minha entrega a ele como ao maior (RATZINGER, 1970, p. 55).

<sup>10</sup> Como diz o Catecismo da Igreja Católica: “§108 Todavia, a fé cristã não é uma ‘religião do Livro’. O Cristianismo é a religião da ‘Palavra’ de Deus, ‘não de uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo’. Para que as Escrituras não permaneçam letra morta, é preciso que Cristo, Palavra eterna de Deus vivo, pelo Espírito Santo nos ‘abra o espírito à compreensão das Escrituras’”. Ou, ainda, a Confissão de Westminster (capítulo 14, §1- 2): “A graça da fé, por meio da qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é sempre operada pelo ministério da Palavra, por esse ministério, bem como pela administração dos sacramentos e pela oração, ela é aumentada e fortalecida. Por esta fé o cristão, segundo a autoridade do mesmo Deus que fala em sua Palavra, crê ser verdade tudo quando nela é revelado, e age de conformidade com aquilo que casa passagem contém em particular, prestando obediência aos mandamentos, temendo as ameaças e abraçando as promessas de Deus [...]”.

<sup>11</sup> “A crença teísta está, em última análise, enraizada em uma resposta a uma realidade pessoal transcendente, resultando em um compromisso com uma vida de oração, adoração e autotransformação” (VAN HOLTEN, 2002, p. 267).



Posto tais considerações acerca da fé cristã e sua vivência como forma de agir e interpretar o mundo, adiante intento pensar em que sentido é possível haver divergências entre a natureza dessa fé e a ciência moderna.

#### **4. ENTRE CIÊNCIA E TEÍSMO CRISTÃO: ONDE ESTÁ O CONFLITO?**

Muitos intelectuais sérios se propuseram a pensar se há dissonâncias e incompatibilidades entre cristianismo e pensamento científico, cada qual defendendo uma perspectiva de conciliação ou atrito. Porém, também alguns cientistas contemporâneos gostam de defender suas visões particulares de aversão (ou até de fanatismo) à religião se utilizando de uma quimera composta por concepções pré-concebidas e fragmentos de teorias científicas. Do outro lado, temos autores religiosos que, com total desconhecimento sério da ciência, a atacam ou simplesmente ignoram, a fim de supostamente proteger seus artigos de fé de forma cega e radical de uma suposta inimiga chamada “ciência”. Meu propósito, daqui em diante, será o de refletir se esse “conflito” continua a existir quando compreendemos os limites e propósitos da ciência e da visão de mundo do cristianismo.

Em linhas gerais, pautado nas breves análises que aqui foram examinadas, tanto do empreendimento científico, quanto da fé cristã, argumento que o conflito pode ser relativo, mas em essência é inexistente.

Se nos basearmos nos propósitos da ciência (a compreensão através de uma explicação plausível das causas dos fenômenos físicos – naturais e sociais) e sua metodologia (teorização e experimentação), fica evidente que não existe, por natureza, qualquer ponto de contenda com a religião cristã, ao passo que ela se configura como um modo de agir no mundo e uma doutrina sobre o sentido metafísico da existência humana e a natureza de Deus. Não é tarefa da ciência oferecer explicações plausíveis sobre a existência de Deus e tampouco é atributo da religião cristã explicar a constituição e funcionamento dos fenômenos físicos do mundo. Quem busca respostas através dos métodos inapropriados pode acabar em incongruências e frustração.

Dito em outras palavras: enquanto a ciência especula teórica e experimentalmente sobre a constituição física dos fenômenos do universo (o que não significa, obviamente, que a ciência está livre de pressupostos e conceitos metafísicos bem específicos), o cristianismo diz respeito

às questões morais e metafísicas (diferentes das que tocam as teorias científicas) que afligem a mente humana, sejam elas sobre os valores da vida ou quanto à existência de Deus. É seguro afirmar, portanto, que a ciência e a religião falam de níveis distintos da realidade e oferecem interpretações sobre aspectos diversos do mundo.

[...] As ciências naturais estão preocupadas principalmente com a compreensão de como as coisas *funcionam*, enquanto a religião está mais preocupada com o que elas *significam*. Esses aspectos representam diferentes níveis de envolvimento com a existência humana. No entanto, eles podem ser reunidos para proporcionar uma compreensão mais completa e rica da natureza distinta da humanidade (MCGRATH, 2020, p. 35).

Porém, por outro lado, é inegável que o tópico teológico (vi), a bíblia como fonte inabalável de verdade, pode ser a origem de possíveis confrontos, ao passo em que há passagens nas escrituras que tentam falar sobre a constituição dos fenômenos físicos – domínio esse que atualmente designamos à ciência, tanto pela seriedade de sua metodologia, quanto pela confiança que depositamos nela graças aos avanços já conquistados.

É sabido que historicamente a bíblia foi escrita por vários autores, em várias épocas e com finalidades culturais distintas. Muitas vezes os textos bíblicos, sobretudo os do *Antigo Testamento*, ocupavam também o papel de oferecer explicações gerais a um povo primitivo. Tais explicações e recomendações variavam sobre os mais diversos tópicos, indo desde recomendações sobre saúde e dieta, até valores e costumes morais e a constituição da natureza física do cosmos.

Nesse sentido, é possível que haja incompatibilidade entre os desenvolvimentos e descobertas das ciências e tais afirmações contidas na bíblia; e, de fato, houve momentos na história em que tais entraves foram postos, tais como a (re)descoberta do heliocentrismo com Nicolau Copérnico e o advento da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin.

Felizmente esse ponto de conflito pode e está sendo superado graças às concessões e desenvolvimentos que algumas correntes de pensamento teológico cristão estão levando a cabo. Tais perspectivas cristãs são não fundamentalistas, isto é, não tomam um dos pilares do cristianismo – as Escrituras da bíblia – como completamente literais, mas sim interpretáveis a luz de uma teologia madura que se proponha ao objetivo de distinguir entre os domínios históricos, proféticos e metafóricos de seus textos sagrados.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Penso que a tarefa dos teólogos de distinguir os elementos metafóricos e não literais da bíblia seja uma atividade demasiada complexa e, talvez, passível de críticas, visto que tais passagens desempenharam uma função explicativa diversa por um longo período da história da religião e colaborou para moldar a noção de fé cristã que existe nos

Ao passo que esse problema é superado através da atividade exegética dos teólogos, fica evidente que o atual suposto conflito que existe está relacionado a outras duas questões não essenciais. A primeira é sobre a incompatibilidade entre *cientificismo*, a visão radical de que somente a ciência pode apresentar sentenças verdadeiras sobre a realidade,<sup>13</sup> e o fundamentalismo religioso fanático e ultraconservador que se recusa a dialogar com quaisquer outras áreas do conhecimento ou perspectiva filosófica que divirja da literalidade dos textos sagrados. Ambas as posturas não são frutos da prática científica ou religiosa, mas sim interpretações inflexíveis de alguns indivíduos que não representam a totalidade da comunidade científica ou dos cristãos.

A segunda questão está relacionada aos elementos científicos ou religiosos que podem influenciar a formação de nossas visões de mundo mais amplas.<sup>14</sup> A ciência, por exemplo, embora não verse sobre as questões últimas da existência e vida humana, pode nos oferecer uma imagem de universo tão vasto e caótico que, para algumas pessoas, pode ser conflitante com a visão ordenada<sup>15</sup> ou moral que algumas religiões apresentam.<sup>16</sup> No mesmo sentido, alguns

---

dias atuais. Separar o que deve ser lido à luz da literalidade e o que deve ser lido sob uma interpretação moderada talvez ofereça um cristianismo diferente daquele praticado no passado. Até que ponto isso é factível ou problemático é uma interessante questão a ser tratada pelos teólogos e não está contida no escopo desse artigo ou capaz de ser respondida pelas minhas capacidades.

<sup>13</sup> O cientificismo pressupõe, muitas vezes, que as questões tratadas pela religião, arte, poesia e filosofia são vãs ou até mesmo inexistentes. Contra essa visão estritamente reducionista, Karl Popper é célebre e enfático ao dizer: “É importante saber que a ciência não faz asserções sobre as questões últimas – sobre os mistérios da existência, ou sobre o papel do homem neste mundo. Isso parece estar bem compreendido. Mas alguns cientistas de renome, e outros não tão importantes, têm-se equivocado quanto a esse ponto. O fato de que a ciência não pode fazer nenhum pronunciamento sobre princípios éticos tem sido entendido erroneamente como uma indicação de que tais princípios não existem, quando, de fato, a busca pela verdade pressupõe a ética” (POPPER *apud* MEDAWAR, 2008, p. 59).

<sup>14</sup> Alguns autores defendem a tese de que não há, propriamente dito, uma visão de mundo religiosa e uma visão de mundo científica, mas sim uma visão de mundo particular de cada sujeito que pode ser composta por elementos religiosos ou científicos. “[...] A visão de mundo de um sujeito é constituída de aspectos pré-reflexivos e reflexivos, imediatos e mediatos e que, portanto, tanto ciência quanto religião (além de outros aspectos da vida humana) podem vir a constituir a visão de mundo do sujeito” (SPICA, 2017, p. 64). Nesse caso, a depender da forma como o sujeito articula ou recebe tais elementos, eles podem ser conflitantes ou até mesmo conciliatórios – seria o caso, por exemplo, de acreditar que o caos do universo revelado pela ciência dá força ao argumento de que nossa existência foi pensada por um Deus, dada as baixas probabilidades de existir vida na Terra.

<sup>15</sup> Sobre esse tópico, ver Haught (2015).

<sup>16</sup> Ratzinger toca esse ponto quando escreve: “A mim parece óbvio que a ciência como tal não é capaz de produzir um *etos*, ou seja, uma consciência ética renovada não surgirá como fruto de debates científicos. Por outro lado, é incontrovertível também que a transformação radical da imagem do mundo e do homem, que resultou do crescimento do conhecimento científico, contribuiu decisivamente para o desmantelamento de antigas certezas morais. Assim, sobrou apenas a responsabilidade da ciência pelo ser humano enquanto ser humano e, sobretudo, a responsabilidade da filosofia de acompanhar de forma crítica as ciências singulares, denunciando conclusões precipitadas e certezas aparentes sobre o que é o ser humano, de onde vem e para que existe, ou, em outras palavras, eliminando o elemento não científico dos resultados científicos com os quais não raramente se confunde, para manter aberto o olhar sobre o todo, sobre as demais dimensões da realidade humana, da qual as ciências só podem mostrar aspectos parciais” (RATZINGER, 2007, p. 63 – 64).

religiosos podem se sentir incomodados com as teses científicas que explicam o funcionamento do universo sem incluir elementos metafísicos, tais como providência divina ou interesses teleológicos. Todavia, é importante frisar que essas noções não são consequências diretas da ciência ou religião, mas sim aspectos secundários que se relacionam com outras visões que o sujeito já possui.

Apresentadas minhas perspectivas acerca da inexistência e relatividade dos conflitos entre teísmo cristão e prática científica, indico, nas considerações finais, que para o cristão pode haver uma possibilidade de interpretação positiva da ciência, tal como sugerida de certa forma por Tomás de Aquino e Alvin Plantinga.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desse artigo foi mensurar em que sentido a suposta dissonância entre fé cristã e ciência é real e plausível. Após os exames dos limites e finalidades do pensamento científico e do pensamento cristão, podemos compreender que não há, atualmente, um conflito direto, posto que cada forma de interpretar o mundo se restringe a uma faceta diferente da realidade, cada qual com suas questões, práticas e resultados próprios. Tanto a ciência, quanto a religião, possuem seus limites.

O possível conflito é somente indireto e se dá de duas formas: primeiramente ele pode se restringir a concepções radicais que buscam na ciência ou religião instrumentos para balizar suas posturas, todavia, tais concepções não são frutos nem da ciência, tampouco da doutrina cristã. Em uma segunda forma, ele pode se dar na recusa da fé ou da ciência quando elementos de uma dessas estruturas não entra em sintonia, para o sujeito, com pressupostos adotados em sua visão de mundo particular. Nesse caso, também, não é consequência direta de nenhum dos fenômenos culturais.

Mas seria possível, talvez, um cristão conciliar de forma íntima o desenvolvimento científico moderno com sua cosmovisão religiosa? Segundo Plantinga (2018, p. 239 – 242) há uma maneira que já foi renunciada pela filosofia escolástica. Em linhas gerais, um dos pontos centrais do pensamento cristão (tópico teológico (v)), judaico e islâmico é que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Se Deus é onisciente e sumamente sábio, a humanidade possui o atributo intelectual, dentre outros, de poder conhecer a obra do Criador, seu ordenamento e funcionamento (mesmo que jamais se iguale à suprema sapiência de Deus), e

isso pode se dar através do avanço do conhecimento científico. Sem forçar um anacronismo, talvez essa ideia possa estar em consonância com o que o autor de *Imitação de Cristo* afirmou ao escrever: “Eu [Deus] sou o que ensino ao homem a ciência” (KEMPIS, 2013, p. 319).

Antes de concluir, tenho que reconhecer que é inegável haver alguns conflitos bioéticos entre moral cristã e alguns experimentos científicos, como, por exemplo, os casos de clonagem de animais e uso de células-tronco embrionárias. Mas isso pode sugerir que os choques estão circunscritos a um domínio que pertence mais ao uso de uma metodologia muito específica para determinados fins, do que à prática científica como um todo e seu escopo final, não havendo, desta forma, interferências nos âmbitos explicativos da ciência e religião. Sobre a análise desses episódios específicos, creio que deve ficar a cargo da filosofia, pois é ela quem cunha as ferramentas para se pensar os limites morais das práticas humanas.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, E. Explicação Científica. In *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Ed. João Branquinho e Ricardo Santos. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2020.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- DAWKINS, R. *Deus, um delírio*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DAWKINS, R. *The God delusion*. Boston: Houghton Mifflin, 2006.
- DUTRA, L. *Introdução à Teoria da Ciência*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.
- FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- FRENCH, S. *Ciência: conceitos-chave em filosofia*. Trad. André Klaudat. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HACKING, I. *Representar e Intervir: tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural*. Trad. Pedro Rocha de Oliveira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- HARRISON, P. “Ciência” e “Religião”: construindo os limites (tradução). In *Revista de Estudos da Religião*, n. março, ano 7, 2007.
- HAUGHT, J. Ciência, Deus e o propósito cósmico. In *Ciência e Religião*. Peter Harrison (org). Trad. Eduardo Rodrigues da Cruz. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

- HODGE, A. *A confissão de Fé de Westminster comentada*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999.
- KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.
- LADYMAN, J. *Understanding Philosophy of Science*. Routledge, 2002.
- LIPTON, P. *Inference to the Best Explanation*. London: Routledge, 2004.
- MADISON, H. *Scientific Creationism*. Master Books, 1985.
- MADISON, H. *The Long War against God*. Master Books, Master Books, 2000.
- MCGRATH, A. *Ciência e Religião: fundamentos para o diálogo*. Trad. Roberto Covolan. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MEDAWAR, P. *Os limites da Ciência*. Trad. Antonio Carlos Bandouk. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- PLANTINGA, A. *Ciência, Religião e Naturalismo: onde está o conflito?* Trad. Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- POINCARÉ, H. *A Ciência e a Hipótese*. Trad. Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*. Trad. José Wisniewski Filho. São Paulo: Editora Herder, 1970.
- RATZINGER, J. O que mantém o mundo unido: fundamentos morais pré-políticos de um Estado Liberal. In *Dialética da Secularização*. Habermas, J., Ratzinger, J. Trad. Alfred Keller. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.
- SILVA, M.; MINIKOSKI, D. A Filosofia da Ciência e o conceito de Conhecimento Anterior. In *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 8. n. 3, 2017.
- SPICA, M. O estatuto de ciência e religião como visões de mundo. In *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*, v. 4, n. 2, 2017.
- VAN HOLTEN, W. Theism and Inference to the Best Explanation. In *Ars Disputandi*, vol. 2, n. 1, 2002.